



A LITERATURA INFANTIL E O ENSINO DE CIÊNCIAS: UM DIÁLOGO COM NARRATIVAS FEMININAS NEGRAS¹

Eloize Braga Quintanilha ²
Fernanda Antunes ³

RESUMO

Nos dias atuais, o ensino de ciências naturais tem buscado o rompimento com o ensino fragmentado. Com essa nova fase, surge a necessidade de um ensino que promova a valorização das diferenças sociais e culturais. Para isso, apresentamos através desse estudo, uma proposta de ensino de ciências contextualizado a partir de uma abordagem étnico-racial em obras infantis literárias. Este trabalho tem como objetivo responder à seguinte pergunta: “É possível trabalhar as relações étnico-raciais, a cultura afro-brasileira e africana no ensino de ciências através da literatura infantil de autoria feminina e negra?”. Para respondê-la buscamos considerar o diálogo entre a ciência e a literatura infantil de origem feminina e negra, na tentativa de construir uma proposta comprometida com uma formação cidadã justa e igualitária nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Como referencial teórico traremos bell hooks⁴, Nilma Lino Gomes e Regina Zilberman. Propomos, então, a análise de um livro infantil de autoria feminina e negra, como possibilidade de produção de conhecimento científico. Como resultado, encontramos caminhos para trabalhar as relações étnico-raciais no ensino de ciências através da valorização de enredos de mulheres negras na literatura infantil a partir da análise de um livro infantil.

Palavras-chave: Narrativas femininas negras, ensino de ciências, literatura infantil.

INTRODUÇÃO

No presente artigo pretendemos fazer uma análise de um livro de Literatura Infantojuvenil, buscando identificar possíveis tópicos de abordagem nas aulas de ciências para o primeiro segmento do Ensino Fundamental. O livro possui uma personagem negra e como tema principal, aborda a relação da personagem com a estética de seu cabelo. O objetivo é

1 Esse artigo é resultado do projeto de pesquisa *Narrativas Femininas Negras: A Literatura Infantil no Ensino de Ciências*.

2 Mestranda do Curso de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, eloizebraga@hotmail.com;

3 Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, nandantunes80@gmail.com

4 bell hooks adotou a escrita de seu nome com todas as letras minúsculas, pois para ela, o mais importante são as ideias e o conhecimento e não quem ela é.



mostrar que é possível ensinar ciências através de uma literatura que resgate a beleza das etnias africanas, rompendo com um imaginário estereotipado da mulher negra, muito comum na literatura infantojuvenil.

Segundo Gouvea (2005), a inserção de personagens negros na literatura infantil no Brasil ocorre logo após a abolição da escravatura no início do século XX, na década de 1920. Durante esse período, a contribuição da cultura africana para a história do nosso país não era ressaltada nem citada de forma positiva na literatura. A figura do negro era retratada de forma pejorativa, sendo fortemente ligada às condições de sofrimento, ao retrato de inferioridade e subalternidade. Antes disso, não haviam qualquer tipo de preocupação com a representação do negro, nem da criança negra na literatura infantil brasileira.

A partir da década de 20, a produção cultural voltada para o público infantil buscou dialogar com as diversas representações raciais, procurando escrever à criança brasileira sobre suas raízes. Mas foi somente na década de 1980, quando a literatura passou a interessar-se não somente pelo senso estético, mas também pela formação do leitor crítico, sensível e comprometido com as diferenças étnicas e culturais, que a cultura negra e africana começou a ser verdadeiramente reconhecida.

De acordo com Sousa (2001), por muito tempo a representação do negro nos livros infantis esteve carregada de ilustrações depreciativas, onde o negro aparece de forma estigmatizada, como uma minoria desumanizada e exercendo funções sociais subalternas.

O livro *Que cabelo é esse, Bela?* (2018) de Simone Mota, foi selecionado com o objetivo de resgatar a beleza da mulher africana, ao mesmo tempo que fornece à criança negra um modelo de beleza e reconhecimento. A abordagem dessa narrativa estimula e propicia novas possibilidades de trabalho na área de ciências através da leitura de um material que versa sobre a questão étnico-racial para meninas a partir de um viés literário.

As imagens e descrições da personagem podem ser utilizadas de forma construtiva para a autoestima de crianças negras, favorecendo a articulação entre etnia, educação e direitos humanos através da aceitabilidade das diferenças étnicas, sociais e culturais. Para Nilma Lino Gomes, o questionamento acerca da centralidade da questão racial na prática pedagógica e políticas educacionais é um caminho a ser percorrido na busca de uma sociedade que garanta a todos o direito de cidadania:



Todos nós sabemos que a educação é um direito social. E colocá-la no campo dos direitos é garantir espaço à diferença e enfrentar o desafio de implementar políticas públicas e práticas pedagógicas que superem as desigualdades sociais e raciais. (GOMES, 2001, p. 84)

Ao reconhecer que a escola ainda prioriza um modelo de educação masculino, branco, e heterossexual, entendemos que a verdadeira articulação entre educação e direitos humanos só será possível através da construção de práticas pedagógicas que reconheçam o direito às diferenças, incluindo as diferenças raciais, de classe e gênero.

De acordo com Zilberman (2013), a literatura trabalhada em sala de aula não deve possuir o intuito meramente pedagógico. Faz-se necessário romper com as barreiras entre escola e coletividade para que o estudante possa ser inserido no processo educacional como sujeito ativo do seu próprio saber. Através de sua linguagem simbólica, a ficção pode proporcionar uma visão de mundo que ocupe as lacunas resultantes de uma experiência existencial restrita.

Paulo Freire defende que a educação é uma relação do sujeito com o conhecimento. O conhecimento se realiza através da relação do sujeito com o mundo e com os outros, a partir de situações culturais, políticas, econômicas psíquicas e sociais. Ou seja, o sujeito atua ativamente na aquisição e produção do seu próprio conhecimento (SAUL, GIOVEDI, 2016). Quando o processo educativo não observa essa premissa, a aprendizagem crítica dos educandos fica prejudicada, “Quanto mais é simples e dócil o receptor dos conteúdos com os quais, em nome do saber, é ‘enchido’ por seus professores, tanto menos pode pensar e apenas repete”. (FREIRE, 2011, p. 68).

Com uma perspectiva de que a ciência é uma das formas de se compreender o mundo, buscamos meios de superar a fragmentação do conhecimento através de estratégias que envolvam os conteúdos de forma prazerosa e significativa para o ensino de ciências naturais, a partir da leitura de obras ficcionais para crianças.

Acredita-se que ensinar ciências através de obras ficcionais estimula a participação dos estudantes, incentiva o interesse dos alunos por ciência, torna o aprendizado mais fácil, apresenta os conceitos de forma contextualizada e facilita a inserção de temas sociais, políticos e culturais relacionados ao ensino de ciências (PIASSI; ARAUJO, 2012). A conexão da literatura com o ensino de ciências estimula o interesse do estudante por conceitos



científicos, favorecendo o aprendizado, conduzindo a questionamentos e facilitando o aprofundamento nos estudos.

A literatura infantil atrelada ao ensino de ciências tem se tornado uma importante ferramenta para a alfabetização científica dos alunos no ensino fundamental. No entanto, a obra literária não está restrita a um determinado conteúdo, nem deve ser reduzida a um procedimento com respostas uniformizadas de certo ou errado. Zilberman (2013) afirma que as narrativas devem ser compreendidas em sua totalidade e ao professor cabe o desencadear das várias visões sobre o texto e incentivar as interpretações pessoais que decorrem da visão de mundo de cada um.

O ensino de Ciências, ainda hoje, é visto como uma área desvinculada da vida em sociedade, assim como, das outras áreas do ensino. O trabalho com a literatura infantil no ensino é importante pois contempla uma abordagem teórico-metodológica de integração das diferentes áreas do conhecimento. A área de Ciências da Natureza deve relacionar-se com as competências da Educação Básica, garantindo aos alunos o desenvolvimento de competências específicas do componente curricular de ciências. Dessa forma, a articulação da ciência com a literatura pode apresentar um caminho para novas possibilidades de aprendizagem.

METODOLOGIA

A primeira etapa desta pesquisa se propôs a buscar diversos livros de literatura infantil que apresentassem em suas histórias temas étnicos raciais escritos por mulheres negras. A segunda etapa consistiu em relacionar essas histórias a temas referentes ao conteúdo do ensino de ciências para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Posteriormente, foram estabelecidos alguns critérios para a escolha de apenas uma obra que fosse adequada ao tipo ao nível de ensino ao qual a análise literária se propõe. Os critérios aqui estabelecidos foram inspirados nos critérios utilizados por Piassi e Araújo (2012) em sua análise de livros infantis utilizados no ensino de ciências. Diante disso, foram estabelecidos os seguintes critérios na escolha do livro:

a) O texto - Apesar de tratar-se de uma proposta para as séries iniciais do Ensino Fundamental, optou-se por um livro com um texto longo, porém com muitas ilustrações. A escolha por um texto mais complexo alcança as crianças dos últimos anos do primeiro



segmento do Ensino Fundamental, possibilitando um avanço gradual na capacidade de leitura dos alunos.

b) As imagens - As ilustrações também foram utilizadas como um dos principais critérios, pois a imagem acessa e estimula o imaginário da criança. No livro podemos observar que para cada página escrita existe uma página inteiramente ilustrada com cores fortes e imagens que transmitem todo o encantamento da história contada. A sequência das imagens contribui para a compreensão da narrativa, estimulando a leitura e tornando a aprendizagem mais atrativa.

c) O tema - Considerando que o estudo das relações étnico raciais é um direito garantido pela Lei 10.639/03, buscamos um ensino de ciências mais humanitário, significativo e ao mesmo tempo instigante para a faixa etária trabalhada. O tema racial e de gênero foi escolhido por apresentar uma temática necessária para a educação como direito humano e social. O tema central desse livro foi designado também por se tratar de uma narrativa que tende a despertar o interesse dos estudantes pela história e até mesmo a identificação com a personagem principal.

d) A autora - A autoria do livro também foi um critério de escolha da obra a ser trabalhada. Pelo trabalho ter uma temática racial e de gênero, optamos por trabalhar com um livro de autoria feminina e negra. Simone Mota, a autora, é uma mulher negra formada em Estatística pela Universidade do Rio de Janeiro. Ela escreve literatura infantil desde 2009 e possui dez livros publicados. A ilustradora, Roberta Nunes, também é uma mulher negra, designer gráfico e ilustradora.

REFERENCIAL TEÓRICO

Todo o referencial teórico foi pensado visando articular a educação étnico-racial ao Ensino de Ciências a partir de narrativas femininas negras. Para tanto, nos apoiamos em referenciais que promovam a discussão dos principais pilares teóricos que sustentam essa pesquisa. Considerando que a literatura infantil de temática racial ainda é pouco discutida dentro da comunidade dos pesquisadores de educação em ciências, buscamos a abordagem de teóricos que possam contribuir com esse estudo a partir de seu próprio campo teórico.



A abordagem da concepção de educação antirracista se sustenta na teoria de bell hooks e nas práticas educativas libertadoras e emancipatórias de Paulo Freire e Nilma Lino Gomes. Os trabalhos de Regina Zilbermam nos darão subsídios para trabalhar estratégias de ensino com a literatura infantil no Ensino fundamental. O estudo acerca do Ensino de Ciências será pautado na perspectiva decolonial de Bárbara Carine.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra escolhida foi o livro de literatura infantojuvenil *Que cabelo é esse, Bela?* (Simone Mota, 2018). O livro apresenta um texto escrito longo, sempre intercalando uma página com texto e imagem, com uma página somente com imagem. As letras utilizadas são as letras de imprensa ou bastão, bastante conhecidas pelos estudantes do Ensino Fundamental. As imagens possuem cores vivas e vibrantes que ocupam todo o espaço das páginas. A capa do livro apresenta apenas o rosto da personagem com o seu cabelo colorido por várias cores. Cada página apresenta uma ilustração que retrata a história contada nos textos.

O livro narra a história de Bela, uma menina negra que gostava muito de brincar com os amigos na vila onde morava. A obra aborda a temática racial a partir de uma pergunta instigante que dá nome ao livro: *Que cabelo é esse, Bela?* A narrativa é feita em terceira pessoa e intercala a narração da história com as falas dos personagens. O texto escrito é dividido em partes, como se fossem capítulos.

A história começa com as crianças brincando no pátio da vila onde moram. Era uma tarde de verão com fortes pancadas de chuva. Bela e seus amigos brincavam sob a água que caía do céu e pulavam em poças. A brincadeira durava pouco, o mesmo tempo que durava uma chuva de verão. Mas naquela tarde a chuva voltou sem avisar e pegou as crianças de surpresa.

A brincadeira só parou quando alguém percebeu que havia um brilho diferente no cabelo de Bela. Logo, concluíram que o cabelo da menina brilhava com a chuva. Todas as crianças queriam ter aquele brilho. Começaram então outra brincadeira: Bela dividiria o seu brilho com todos os colegas através de um jogo de pegar. Toda vez que um amigo a alcançava, ela dividia com ele o seu brilho, passando as mãos nos cabelos.



As crianças ficaram muito intrigadas com o brilho nos cabelos de Bela. Começaram então a especular de onde viria aquele brilho. Alguns sugeriram que no dia do nascimento de Bela teve uma chuva de meteoritos. Outros disseram que era devido ao DNA. Alguns acharam que ela era uma heroína disfarçada e que o brilho era o seu poder. A partir de então, Bela se tornou a menina do brilho de chuva.

Ao longo da história, a autora apresenta algumas perguntas a cerca do cabelo de Bela, levando o leitor a fazer reflexões: O que é o brilho no cabelo de Bela? O brilho do cabelo não é explicado no livro, mas entende-se que é o efeito da água da chuva no cabelo crespo da personagem. A narrativa segue expondo o sofrimento da menina diante do questionamento das pessoas sobre o efeito da chuva no seu cabelo. Bela não consegue compreender porque as pessoas se incomodam tanto com o seu brilho.

Bela estava voltando da escola quando começou a chover. De repente um menino maior se aproximou e perguntou o que tinha na cabeça da menina. Bela não soube responder. O menino debochou e riu. Bela correu e parou na porta de um salão de beleza. Ao se olhar no espelho não viu nada de diferente, mas uma funcionária saiu de dentro do salão e foi logo perguntando: Que cabelo é esse, Bela? A menina não respondeu. Passou a mão nos cabelos para recolher o brilho da chuva e foi para casa procurar a sua mãe. Ao chegar em casa, Bela contou para sua mãe o que estava acontecendo e disse não entender porque o seu brilho incomodava tanto às outras pessoas.



Figura: Bela é questionada sobre o seu cabelo.
Fonte: Mota (2018).



A forma agressiva com a qual o menino ridiculariza o cabelo de Bela leva o leitor para uma reflexão sobre o apagamento da mulher negra através do racismo e do sexismo em uma sociedade capitalista. O fato de uma funcionária de um salão de beleza também questionar o cabelo da menina traz uma reflexão sobre o padrão estético imposto por uma sociedade vinculada a um sistema de dominação racial, onde a mídia e a publicidade incute constantemente na mulher negra, que ela não é aceita porque não é bela. Para hooks:

As respostas aos estilos de penteado naturais usados por mulheres negras revelam comumente como o nosso cabelo é percebido na cultura branca: não só como feio, como também atemorizante. Nós tendemos a interiorizar esse medo. (HOOKS, 2005, s/p)

Tais elementos mediam a vivência de violências físicas e simbólicas que afetam a construção identitária das crianças negras, atingindo a sua autoestima e contribuindo para o desenvolvimento de um adulto frustrado com a própria aparência.

A mãe de Bela conta então a história da tataravó da menina. Mulher escravizada, cozinhou na casa grande quando percebeu a chuva chegando e saiu ao ar livre, erguendo os braços aos céus para se refrescar. Os outros escravos começaram a aplaudir o brilho que se formava sobre o cabelo da mulher. Como castigo, a senhora da casa grande amarrou um pano branco nos cabelos da escrava para esconder todo o seu brilho e a sua força.

Observamos nesse trecho, o resgate de um forte traço da cultura negra: a transmissão oral de histórias. A transmissão oral possui forte presença nas histórias de raízes africanas e de temática negra. As histórias transmitidas oralmente eram carregadas de afeto, contadas por pretas velhas e pretos velhos, associadas ao primitivo e à ingenuidade, apresentando um resgate folclorizado das raízes nacionais. Muitas dessas narrativas podem ser recuperadas através da literatura infantil. No livro, a mãe da personagem principal utiliza a transmissão oral, para contar a história da tataravó de Bela na época da escravatura. Através de sua narrativa, a mãe da Bela fala sobre as origens familiares e estéticas da menina, transformando uma velha escrava em uma grande heroína.

Ao terminar a história, a mãe de Bela disse que ela não precisava esconder o cabelo como sua tataravó, sua bisavó, sua avó e ela mesma, a mãe, faz. A mãe fala que gostaria de ter coragem para assumir o seu próprio cabelo como ele é de verdade, mas que o que faz é



escondê-lo por baixo de panos e faixas sempre que ele começa a brilhar. A mãe pede que Bela mude essa história, mas a menina diz que sofre com tantas implicâncias e que prefere não ter tanto brilho. Bela então muda o visual e passa a se esconder sempre que aparece uma nuvem no céu anunciando a chuva.

Bela não brincava mais na chuva, vivia se escondendo insegura e entristecida. As implicâncias continuavam. Agora diziam que ela precisava tomar cuidado com a chuva pois o seu cabelo ia encolher. A menina não entendia por que as pessoas se incomodavam tanto com o seu cabelo. A chuva se tornou um problema para Bela. Ela acreditava que tinha perdido o seu brilho para sempre.

Após alisar o cabelo, a personagem torna-se insegura com a sua aparência, desenvolvendo uma preocupação exagerada com o próprio cabelo. Muitas mulheres ainda se sentem compelidas a esconder ou alisar o cabelo para se sentirem aceitas. Para bell hooks (2005), essa preocupação gera uma obsessão que é reflexo das constantes lutas que a mulher negra trava com a sua autoestima e autorrealização:

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa autoestima. (HOOKS, 2005, s/p)

Um dia Bela estava brincando sozinha em casa quando ouviu alguém falando que logo a chuva viria. As crianças da vila começaram a sair de suas casas para brincar em mais um final de tarde. Chamaram por Bela. Ela não respondeu. Recolheu suas bonecas e disse para mãe que voltaria a brilhar.

O resgate da autoestima da mulher negra não ocorre somente através da sua aceitação de seu cabelo nem de sua estética. O processo de valorização da mulher negra ocorre a partir da construção de sua identidade e de seu posicionamento político. É um processo de autonomia e determinação. “Falar sobre cabelo crespo das mulheres é, com certeza, passar por aspectos sociais, culturais e políticos da história do povo negro.” (ASSIS, 2018, p. 99)

Em relação ao conteúdo de ciências, logo no início do texto podemos observar a presença de uma narrativa que favorece o trabalho de termos científicos em sala de aula. A



partir da brincadeira da personagem em uma chuva de verão, o professor pode abordar com a turma as estações do ano e suas características. Pode-se trabalhar também o ciclo da chuva ou ciclo hidrológico a partir de perguntas como: Por que chove tanto no verão? Como a chuva é formada?

Outro conteúdo científico das séries iniciais do Ensino Fundamental que pode ser trabalhado a partir dessa narrativa é o corpo humano com suas características próprias, o respeito e o acolhimento às diferenças físicas individuais e a valorização do próprio corpo e do corpo do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pautada na teoria transgressora de bell hooks e na teoria libertadora de Paulo Freire, essa investigação buscou fazer emergir vozes silenciadas no meio científico: a voz da mulher, a voz do negro e a voz da criança. A análise do livro *Que cabelo é esse Bela?* buscou identificar possíveis tópicos de abordagem nas aulas de ciências para o primeiro segmento do Ensino Fundamental. Ensinar ciências a partir de obras literárias que não foram produzidas com o objetivo de um trabalho didático de temas científicos pode possibilitar uma abordagem mais lúdica e significativa para o estudante do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ASSIS, P. C. S. Cabelo, identidade e empoderamento: quebrando com padrões de beleza na escola. In: PINHEIRO, B. C. S. ROSA, K.(orgs.). *Descolonizando saberes: a Lei 10.639/2003 no ensino de ciências*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018. p. 97-107.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 195-217.

GOUVÊA. Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.



HOOKS, bell. *Alisando os nossos cabelos*. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível: https://drive.google.com/file/d/0B2_ZKqR9WEKMmRINjRkNjEtZWJkYy00MG_RmLWlyZmQtODY2OTRmYjI2MjAx/view acessado em 20 de abril de 2020.

PIASSI, Luís Paulo. ARAUJO, P.T. *A literatura infantil no ensino de ciências: propostas didáticas para os anos iniciais do ensino fundamental*. São Paulo: Edições SM, 2012.

SAUL, A. GIOVEDI, V. M. A pedagogia de Paulo Freire como referência teórico metodológica para pesquisar e desenvolver a formação docente. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.14, n.01, p. 211 – 233 jan./mar.2016.

SOUSA, Andréia Lisboa de. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 195-217.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.